

Além de Deus e do niilismo

João Henrique Bayão

Graduando do
Curso de Direito /
UFMG

Palavras-chave:

'Morte de Deus', niilismo, náusea, cansaço, ascetismo, doença, ateísmo, valores e arte.

RESUMO: O artigo faz uma exposição sobre o confronto filosófico de Friedrich Nietzsche com um de seus temas mais freqüentes; o conseqüente niilismo, advindo da morte de Deus, que vê se disseminando por toda a Europa de seu tempo. Procede também em curtos diálogos com Albert Camus, em seu ensaio intitulado "O Homem Revoltado", e com Jean-Paul Sartre no que tange ao sentimento da "náusea". O pensamento nietzscheano é em determinados aspectos ilustrado pela figura de Ivan Karamázovi, personagem de Fiodor Dostoi-evski. Por fim, é elucidada uma possível resposta em Nietzsche baseada na sua concepção de arte e sua função para o indivíduo num também breve diálogo com Arthur Schopenhauer.

O século XIX assistiu à morte de Deus. Não era pouco o seu significado. Qualquer espécie de crença, moral, certeza na verdade, toda a metafísica enfim haveria de ruir ou de reavaliar profundamente seus pressupostos. O homem se descobria abandonado como uma criança, ou ainda, como um recém liberto leão de cativo que perdera a sua aptidão para a caça, mesmo a sua aptidão para a liberdade. Nenhum tema causou mais espanto, mais necessidade de se refletir, de se produzir filosofia, do que este. *"Dostoiévsky avait écrit: <Si Dieu n'est pas, tout serait permis.> C'est là le point de départ de l'existencialisme. En effet, tout est permis si Dieu n'existe pas, et par conséquent l'homme est délaissé, parce qu'il ne trouve ni en lui, ni hors de lui une possibilité de s'accrocher. Il ne trouve d'abord pas d'excuses."*

Mas, sobre todas as dores e incertezas, a que se fazia sentir mais forte era a falta de sen-

tido na qual poderia mergulhar a existência humana. Enquanto o homem fora embalado pelos braços divinos, como seu próprio filho, em tal certeza, havia muito o que se indagar sobre 'qual a verdadeira vontade', 'qual o verdadeiro sentido'. Mas a questão mudara fundamentalmente de rosto e o homem se perguntaria agora 'quem sou', 'por que sou', 'qual o sentido de verdade', tão tímido e acometido pela solidão da descrença. *"Privé de la volonté divine, l'homme est privé également d'unité et de finalité. C'est pourquoi le monde ne peut être jugé. Tout jugement de valeur porté sur lui aboutit finalement à la calomnie de la vie. On juge alors, de ce qui est, par référence à ce qui devrait être, royaume du ciel, idées éternelles, ou impératif moral. Mais ce qui devrait être n'est pas; ce monde ne peut être jugé au nom de rien."* Tem-se então a indagação, 'sob qual valor julgar-se o mundo e a vida posto que não haja valor absoluto!?. Nietzsche será



um filósofo atento a isso, o problema não está posto em sentir-se dor ou desprazer, mas na falta de sentido destas. *"Faltava a vontade de homem e terra; por trás de cada grande destino humano soava, como um refrão, um ainda maior 'Em vão!'"*⁴. Não sem razão, recorre-se habitualmente para a definição deste problema como sendo a questão de Ivan Karamázovi.⁴

O que se poderia esperar do homem em tal situação, diante deste enorme vazio de sentido? Um primeiro sentimento pode-se adivinhar, aquilo que o filósofo francês J-P. Sartre classificou como 'a náusea'; *"C'est que je pense, lui dis-je en riant, que nous voilà, tous tant que nous sommes, à manger et à boire pour conserver notre précieuse existence et qu'il n'y a rien, rien, aucune raison d'exister."*⁵ Sob este título escreve seu primeiro romance. O homem, segundo ele, passa por um certo enjôo da existência, tudo o que existe é demais, a existência borbulha, transborda, atira-se aos olhos sem que o homem possa suportá-la. Qualquer coisa aparenta por si já ser em excesso, pois não há nada por trás, nada que justifique o dia, ou jardim onde Antoine Roquentin se assenta e se admira com a mera existência de uma raiz!⁶ A náusea de que fala Sartre não poderia soar muito distinto daquilo que diz Nietzsche pelo 'nojo'. Nietzsche diagnóstica⁷ o niilismo como um mal do século XIX, uma doença que se adentrava por todo o pensamento ocidental, juntamente com a morte de Deus, mas não se limitava exclusivamente ao ocidente. *"A visão do homem agora cansa - o que é hoje o niilismo, se não isto?... Estamos cansados do homem..."*⁸

O niilismo parece surgir como consequência última da morte de Deus, o único sentimento possível, o vazio, isto é, a falta de sentimentos. O homem, abandonado por Deus, carece de todo sentido e significação, e onde poderia encontrá-los posto que estes não existem a priori!? Nada além de Demócrito, nada além de átomos! Lê-se no desespero de Blaise Pascal; *"quando penso que (...) o ser humano (...) está entregue a si mesmo como alguém perdido neste canto do cosmos (...) sinto terror."* Suportar esse terror sem o refúgio de uma religião (como o fez Pascal), mas também sem utilizar numa nova forma de religião o mito artificial ou a arte como *proteção e remédio* - por algum tempo isso se torna o ideal de Nietzsche, que experimenta ter um olhar frio.⁹ Porém, aquilo que crescia e se chamava agora niilismo, nada parecia a Nietzsche além do próprio homem necessitado de fé na objetividade. Nele, finalmente, o homem niilista não está em oposição ao homem de fé que perecia, mas não é nada além de sua última face.¹⁰ Pois o homem niilista sofre justamente de sua descrença, ele não é capaz de ir além, de se sustentar por si. Ele sofre a necessidade de um Deus em que descrê e a impossibilidade de uma verdade. O que lhe causa o sofrer não vai além dos mesmos pressupostos do homem de fé, sua vontade de verdade, sua mágoa por não suportar a descrença. O niilista é aquele que sente sauda-

des de Deus. E esse enjôo por sua própria existência é o que lhe provoca o nojo do homem e da vida, e mais, sua compaixão pelo homem em sua condição.¹¹ Mas por quê? Por que ver no homem um fim, não um meio, como a máxima de Ivan Karamázovi inevitavelmente culminaria!¹²

*"Os doentes são o maior perigo para os sãos; não é dos mais fortes que vem o infortúnio dos fortes, e sim dos mais fracos. Isto é sabido?"*¹³ Deste modo, todo aquele que é fraco o suficiente para não se suportar sobre a vida, curva-se diante dela. *"Quisera ser alguma outra pessoa", assim suspira esse olhar: 'mas não há esperança. Eu sou o que sou: como me livraria de mim mesmo? E no entanto - estou farto de mim!'"*¹⁴ Mais adiante; *"[...] quando alcançariam realmente seu último, mais sutil, mais sublime triunfo da vingança? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda miséria, de modo que estes um dia começassem a se envergonhar da sua felicidade, e dissessem talvez uns aos outros: 'é uma vergonha ser feliz! Existe muita miséria'"*¹⁵

No romance "A peste" o filósofo argelino-francês Albert Camus expõe as razões do engajamento de um médico contra toda uma peste. Por que haveria de lutar (como o beija-flor contra o incêndio na anedota infantil) contra toda uma desgraça que ameaçava a cidade de Oran sabendo seus atos muito pequenos perto do todo? *"[...] il a fallu voir mourir. Savez-vous qu'il y a des gens qui refusent de mourir? Avez-vous jamais entendu une femme crier; <Jamais!> au moment de mourir? Moi, oui. Et je me suis aperçu alors que je ne pouvais pas m'y habituer. J'étais jeune et mon dégoût croyait s'adresser à l'ordre même du monde. Depuis je suis devenu plus modeste. Simplement, je ne suis toujours pas habitué à voir mourir."*¹⁶ Tem-se aí o homem que se compadece perante o sofrimento alheio, que não suporta sua própria felicidade senão com grande culpa. Natural que uma filosofia de tal expoente se fizesse ouvir no contexto do pós-guerra. Numa sociedade fragilizada em seu próprio âmago e orgulho, como a francesa dos anos 40 e 50, natural é a tendência a se buscar idéias e pensamentos que lhe inspirem o sentimento de comunidade e de união. Ademais, pelo costume francês de escrever filosofia em romances, torna-se mais fácil ao grande público aceder a ela e mesmo expressar seu gosto.¹⁷ Não que signifique isso que o filósofo venda sua filosofia como o artista vende sua arte numa sociedade burguesa, mas que, sobretudo num contexto como o da França do pós-guerra, o apetite filosófico pode ser bastante tendencioso para fazer seu apelo pelo coletivo.

Posto o exemplo, reconhecendo-se ou não o grau de contaminação dos fracos sobre os bem logrados, resta que o existencialismo engajado é uma possível resposta ainda muito distante dos niilistas que Nietzsche combatia num primeiro momento. Ele buscava reagir justamente contra aquele da náusea, aquele que não cabe em sua existência. *"Ce nihilisme <passif>, com-*

1. "Dostoiévski tinha escrito: 'Se Deus não existe, tudo é permitido'. É aí o ponto de partida do existencialismo. Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, e consequentemente o homem está largado, porque ele não encontra nem em si, nem fora de si uma possibilidade de se 'apegar'. Ele não encontra nenhuma desculpa a priori." SARTRE, 1996, p.39 (trad. livre)

2. "Privado da vontade divina, o homem se priva igualmente de unidade e de finalidade. É a razão de o mundo não poder ser julgado. Todo julgamento de valor feito sobre ele 'torna-se' finalmente calúnia da vida. Julga-se, então, o que é, por referência ao que deveria ser, reino do céu, idéias eternas ou imperativo moral. Mas o que deveria ser não é, o mundo não pôde ser julgado em nome de nada." CAMUS, 1967, p.88-8 (trad. livre)

3. NIETZSCHE, 2002, p.148

4. "Ivan Karamázovi acrescentou entre parênteses que nisso está toda a lei natural, de sorte que se destruis o homem a fé em sua imortalidade, não somente o amor secará nele, mas também a força de continuar a vida no mundo. Mais ainda, não haverá então nada de imoral, tudo será autorizado, até mesmo a antropofagia." DOSTOIÉVSKI, 1971, p.57

5. "É que penso, disse-lhe eu rindo, que eis-nos, bem como somos, comendo e bebendo para conservar nossa preciosa existência e que não há nada, nada, nenhuma razão de existir." SARTRE, 2000, p.161

6. "Je ne me rapelaís plus ce que c'était une racine. (...) Ça m'a coupé le souffle. Jamais, avant ces derniers jours, je n'avais pressenti ce que voulait dire <exister>." SARTRE, 2000, p.181 "Não me lembrava mais o que era uma raiz. (...) Isso tirou-me o fôlego. Nunca, antes desses últimos dias, eu havia pressentido o que queria dizer <existir>." (trad. Livre)

7. "Il a reconnu le nihilisme et l'a examiné comme un fait clinique. (...) Il a diagnostiqué en lui-même, et chez les autres, l'impuissance à croire et la disparition du fœstement primitif de toute foi, c'est-à-dire la cro- vance à la vie." CAMUS, 1967, p.87

"Ele reconheceu o niilismo e o examinou como um fato clínico. (...) Ele diagnosticou em si mesmo e nos outros a impotência em crer e o desaparecimento do fundamento primitivo de toda fé, isto é, a crença na vida." (trad. livre)

8. NIETZSCHE, 2002, p.35

9. SAFRANSKI, 2001, p.139

10. "O ateísmo incondicional e reto (...) não está, portanto, em oposição a este ideal, como parece à primeira vista; é, isto sim, uma das últimas fases do seu desenvolvimento, uma de suas formas finais e consequências internas é a apavorante catástrofe de uma educação para a verdade que dura dois milênios, que por fim se proíbe a mentira de crer em Deus." NIETZSCHE, 2002, p.147

11. "O que é de temer, o que tem efeito mais fatal que qualquer fatalidade, não é o grande temor, mas o grande nojo ao homem; e também a grande compaixão pelo homem." NIETZSCHE, 2002, p.111

12. "Jamais pude compreender como se pode amar seu próximo. É precisamente, na minha idéia, o próximo que não se pode amar, ou somente à distância." DOSTOIÉVSKI, 1971, p.178

13. NIETZSCHE, 2002, p.111

14. NIETZSCHE, 2002, p.112

15. NIETZSCHE, 2002, p.114

16. "(...) foi preciso ver morrer. O senhor sabe que há pessoas que se recusam a morrer? O senhor já escutou uma mulher gritar: <Nunca!> no momento de morrer? Eu, sim. E percebi então que eu não poderia me acostumar com isso. Eu era jovem e meu desgosto cria se dirigir à ordem mesmo do mundo. Depois eu me tornei mais modesto. Simplesmente, eu ainda não me acostumei a ver morrer." CAMUS, 1999, p.120-121 (trad. livre)

17. "Até na mais liberal das democracias o artista não se move com perfeita liberdade e desenvoltura; mesmo aí vê-se restringido por inúmeras considerações estranhas à sua arte. A diferente medida de liberdade pode ser da maior importância para ele, pessoalmente, mas em princípio não há diferença alguma entre as ordens de um déspota e as convenções até da mais liberal ordem social." HAUSER, 2003, p.28

18. "Esse niilismo <passivo>, como o chamava à vezes Nietzsche, não é um simples objeto exterior para a sua filosofia, mas ele não é tampouco para ela uma qualificação possível. Ele é o perigo, a ameaça, e às vezes a tentação a rejeitar: é sobre esse terreno que deve se dar a solução do <problema de Nietzsche>." PIMBE, 1997, p.52 (trad. livre)

19. "A verdade da vida é uma verdade terrível e cruel, nos devemos ao contrário, sustentará Nietzsche, ter a força, não somente de suportá-la, mas de amá-la, numa feliz afirmação, longe de buscar nos consolar dela." PIMBE, 1997, p.7 (trad. Livre)

20. SAFRANSKI, 2001, p.107

21. "Se o homem então não quer apodrecer nos nós que o sufocam, será-lhe preciso os arrebatam em um golpe, e criar seus próprios valores. A morte de Deus não termina nada e não se pode viver senão na condição de preparar sua ressurreição. <Quando não se encontra a grandeza em Deus, diz Nietzsche, não se encontra em lugar algum; é preciso negá-la ou criá-la.> Negá-la era a tarefa do mundo que o cercava e que ele via correr ao suicídio. Criá-la foi a tarefa sobre-humana pela qual ele quis morrer." CAMUS, 1967, p.94 (trad. livre)

22. NIETZSCHE, 1994, p.31

23. SAFRANSKI, 2001, p.17

24. "Não é o eu que pensa, mas o pensar que me permite dizer eu." SAFRANSKI, 2001, p.274

25. "Para que haja um solo amplo, fundo e generoso para a evolução das artes, a imensa maioria tem de trabalhar para uma minoria, para além da medida de sua indignância individual, submetida como escrava à necessidade da vida." SAFRANSKI, 2001, p.65

26. "O Estado democrático, com sua orientação segundo o bem-estar geral, a dignidade humana, a liberdade, a justiça equiparadora, a proteção dos fracos, impede a possibilidade de evolução das personalidades grandes: as imagens luminosas desaparecem da História e com isso também desaparece, depois da morte de Deus, o sentido que ainda pudesse ter restado." SAFRANSKI, 2001, p.64

me l'appelle parfois Nietzsche n'est pas un simple object extérieur pour sa philosophie, mais il n'est pas non plus pour elle une qualification possible. Il est le danger, la menace, et parfois la tentation à rejeter: c'est sur ce terrain que doit se jouer la solution du <problème de Nietzsche>".¹⁸ O niilista não o é para evitar o não querer, justamente dá-se o contrário, ele se manifesta como o "não-mais-querer". Mas, como já dito, ele sofre justamente dos maus do homem de fé. Pode-se também alegar contra seu favor o quão sério levavam eles a vida. "Si la vérité de la vie est une vérité terrible et cruelle, nous devons au contraire, soutiendra Nietzsche, avoir la force, non seulement de la supporter, mais de l'aimer, en une joyeuse affirmation, loin de chercher à nous en consoler."¹⁹ "Nietzsche ajudou a difundir-se por toda parte: a idéia de que a vida precisa de uma atmosfera envolvente de ilusões, paixões, amor, para permanecer viva".²⁰

O ateísmo pode se tornar a mais forte e bela resposta à morte de Deus mas, para isso, ele deve se livrar de tudo aquilo o que é nostálgico, doente, dependente. A resposta que justificaria a existência humana não poderia estar além desta. Para isso, o homem deve ser forte o bastante para se suportar, para se afirmar e, também, para se superar. Deve aceitar seus valores como uma ilusão, mas não tão falha como qualquer outra espécie de crença, pois uma ilusão consciente e que sabe-se necessária. "Si l'homme alors ne veut pas périr dans les nœuds qui l'étouffent, il lui faudra les trancher d'un coup, et créer ses propres valeurs. La mort de Dieu n'achève rien et ne peut se vivre qu'à la condition de préparer une résurrection. <Quand on ne trouve pas la grandeur en Dieu, dit Nietzsche, on ne la trouve nulle part; il faut la nier ou la créer.> La nier était la tâche du monde qui l'entourait et qu'il voyait courir au suicide. La créer fut la tâche surhumaine pour laquelle il a voulu mourir."²¹

Criar valores, essa é a tarefa do filósofo em Nietzsche. Sem lançar mão de falsas ilusões ou de fantasmas derrubados. "No queremos volver a lo que consideramos superado y caduco, a lo que no juzgamos digno de crédito, ya sea Dios, la virtud, la verdad, la justicia, el amor al prójimo, etc.; no queremos seguir una vía enganosa que nos lleve otra vez a la vieja moral"²² O filósofo buscará criar seus sentidos sem lançar mão a nada que não seja seu, próprio. Nietzsche encontrará na arte uma fonte inesgotável desse sentido. "Nesse sentido, a arte é um tensionar o arco para não se cair na distensão niilista."²³ Se o homem deve ser a medida de todas as coisas, não se deve-se confundi-lo com o "ser humano", trata-se do homem enquanto sujeito. Mesmo tal concepção se equivocou parcialmente; tem-se, na verdade, o homem como palco de impulsos, sujeito passivo de seu próprio agir, que não deve procurar contê-lo.²⁴ E se a arte é um meio de redenção, Nietzsche será um fervoroso defensor de todo o meio em que ela possa florescer, mesmo que em detrimento do próprio homem. Será um defensor da escravidão²⁵, um anti-democrata²⁶, anti-capitalista²⁷ e qualquer sistema que julgue nocivo à produção de gênios. "O público contemporâneo terá de cumprir um longo caminho de enobrecimento antes de levar a arte tão a sério quanto ela merece. Pois essa seriedade da arte, a prontidão para deixar-se enfeitiçar por ela e obter uma alegria superior, pressupõe ainda uma seriedade bem diferente. É preciso ser tragicamente determinado para provar que se é digno da alegria estética. É preciso não ter ilusões, mas continuar apaixonadamente enamorado pela vida, ainda que tenhamos descoberto o quanto ela é em vão."²⁸

O artístico significa na obra de Nietzsche o estado no qual no filósofo pode plenamente prosperar aqueles impulsos que lhe são mais caros e fortes. Nisso, teremos uma flagrante distinção



com o pensamento estético de Schopenhauer. Em Schopenhauer, a contemplação estética é o elemento capaz anular as vontades desenfreadas do homem, sobretudo a sexual, transpondo-no a um *estado sem dor que Epicúrio louvava como bem supremo*.²⁹ Desta forma, Schopenhauer pretende aproximar sua idéia de belo artístico daquela definida por Kant; *"o que agrada sem interesse"*. Segundo Nietzsche, o ideal ascético, presente em toda a história da filosofia, representa, na verdade, para o filósofo, um *optimum* de condições favoráveis em que este pode *expandir inteiramente sua força e alcançar seu máximo de sentimento de poder*. Estas condições, às quais busca o filósofo pelo ideal ascético, não se confundem com um *caminho para a felicidade, mas um caminho para o poder* que, muitas vezes, revela-se o próprio caminho para a infelicidade. Isso remete à definição alcançada por Aldous Huxley; *"(...) the purpose of life was not the maintenance of well-being, but some intensification and refining of consciousness, some enlargement of knowledge"*.³⁰ No saber do filósofo jaz o seu poder. O que ocorre, em verdade, é que a espiritualização de um caráter funciona como vontade dominante e travará uma dura batalha interna até que tenha sob suas rédeas todos os demais instintos e poderes subestimados.³¹ O filósofo tem pelo seu pensamento o mesmo sentimento materno que a mãe tem pelo filho e, igualmente, não poupará esforços para defender sua cria. Quando Schopenhauer concorda, então, ser o belo esse sentimento de agrado sem interesse, isto soa demasiado errôneo para Nietzsche. Como pode-se dizer não haver interesse quando o que se tem é justamente um estado no qual o poder maior do filósofo pode prosperar!? Quando suas vontades menores podem ser moldadas e redirecionadas, de forma que todas as suas energias se concentrem em sua espiritualidade dominante!?³² E mesmo a sensualidade não se ausenta neste processo. Pode-se dar que ocorra tão somente sua sublimação, e esta não mais opere na consciência co-

mo estímulo sexual. Finalmente, Nietzsche não pode conceder que haja alguma espécie de ausência de interesse na concepção do belo, mesmo em Schopenhauer, apesar de crer o próprio filósofo. A arte será, no dizer de Stendhal, *"une promesse de bonheur"*.

Se pudéssemos destacar um *leitmotif* da filosofia nietzscheana, esse seria seguramente o "enamorar-se pela vida"; nada mais corrente em Nietzsche. Pois sua filosofia é justamente aquela que reconhece o valor da alegria, do estar-se vivo. Por toda a Europa Nietzsche enxergará o niilismo como um mal inaceitável. Assim retrata Ivan Karamázovi; *"Quero viajar pela Europa, Aliócha. Sei que não encontrarei lá senão um cemitério, mas quão querido! Queridos mortos nele repousam, cada pedra atesta a vida ardente deles, sua fé apaixonada nos seus ideais, sua luta pela verdade e pela ciência. Oh! cairei de joelhos diante daquelas pedras, beija-las-ei, derramando lágrimas. Convencido, aliás, intimamente, de que tudo aquilo não é senão um cemitério e nada mais. E não serão lágrimas de desespero, mas de felicidade"*.³³

Para se superar a morte de Deus, deve-se superar o niilismo, sua última consequência. Deve-se desapegar-se de todo ideal de busca por uma verdade, aceitar o perspectivismo que não extrapola o homem. Mas, que importa a coisa-em-si ao homem se a ele é inalcançável!?³⁴ Nada mais digno, por fim, do que deixar com que Ivan Karamázovi fale então ao fim; *"Depois de ter bebido na taça encantada, só a deixaria uma vez esgotada. (...) Muitas vezes tenho me perguntado a mim mesmo se haveria no mundo um desespero capaz de vencer em mim esse furioso apetite de viver, inconveniente talvez (...). Esta sede de viver é chamada de vil por certos moralistas catarrentos e tuberculosos, sobretudo por poetas. (...) A inteligência e a lógica não entram nisso absolutamente, é o coração que ama, é o ventre, gostase de suas primeiras forças juvenis... (...) Amar a vida em vez do sentido da vida"*.³⁵

Bibliografia

- CAMUS, Albert. (1999), *La Peste*. 1ª edição, Paris, Gallimard.
- CAMUS, Albert. (1967), *L'homme révolté*. 1ª edição, Paris, Gallimard.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. (1971), *Os Irmãos Karamázovi*. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. 1ª edição, São Paulo, Abril.
- HAUSER, Arnold. (2003), *História Social da Arte e da Literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. 1ª edição, São Paulo, Martins Fontes.
- HUXLEY, Aldous. (1998), *Brave New World*. 1ª edição, London, Perennial.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2002), *A Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo Cezar de Souza. 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1994), *Aurora*. Tradução de Eduardo Mateos Sanz. 1ª edição, Madrid, M. E. Editores.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2003), *Humano, Demasiado Humano*. Tradução de Paulo Cezar de Souza. 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras.
- PIMBÉ, Daniel. (1997), *Nietzsche*. 1ª edição, Paris, Hatier.
- SAFRANSKI, Rüdiger. (2001) *Nietzsche, Biografia de uma Tragédia*. Tradução de Lya Luft. 1ª edição, São Paulo, Geração Editorial.
- SARTRE, Jean-Paul. (1996) *L'existencialisme est un humanisme*. 1ª edição, Paris, Gallimard.
- SARTRE, Jean-Paul. (2000) *La Nausée*. 1ª edição, Paris, Gallimard.

27. "A escravidão do capitalismo roubava a dignidade da arte, rebaixava-a a mero instrumento: instrumento de diversão das massas, prazer de luxo dos ricos." SAFRANSKI, 2001, p.80

28. SAFRANSKI, 2001, p.93

29. "Sobre poucas coisas Schopenhauer fala de modo tão seguro como sobre o efeito da contemplação estética: para ele, ela age precisamente contra o interesse sexual, assim como lupulina e cânfora; ele nunca se cansou de exaltar esta libertação da "vontade" como a grande vantagem e utilidade do estado estético." NIETZSCHE, 2002, p. 94

30. "(...) o propósito da vida não era a manutenção do bem-estar, mas alguma intensificação e refinamento da consciência, algum engrandecimento do saber" HUXLEY, 1998, p.200 (trad. livre)

31. "Nisso, é bem possível que sua espiritualidade dominante tivesse primeiramente de pôr freios num orgulho indomável e suscetível e numa sensualidade caprichosa (...)" NIETZSCHE, 2002, p.98

32. "(...) evidentemente a visão do belo atuava nele como estímulo liberador da força principal de sua natureza (a força da reflexão e do olhar aprofundado) (...)" NIETZSCHE, 2002, p.101

33. DOSTOIÉVSKI, 1971, p.173

34. "Talvez então reconhecemos que a coisa-em-si é digna de uma gargalhada homérica: que ela parecia ser tanto, até mesmo tudo, e na realidade está vazia, vazia de significado." (NIETZSCHE, 2003, p.27)

35. DOSTOIÉVSKI, 1971, p.173